

CRÔNICA DA CIDADE

Sérvulo Coimbra Tavares

Museu do Senado: a História de uma época



Brasília ganhou, desde anten-tem, mais um museu, onde, num rememorar de extintos luzimentos, pode-se ir ao encontro das mais belas páginas da História Política do País. Chego ao segundo andar do senado por moderníssimo elevador, depois de passar pelo “túnel do tempo”, e eis que se me depara um momento de saudade. Ali está montado o plenário que funcionava no Palácio Monroe (por que nome de presidente americano no Senado da República, pergunta meu nacionalismo?). Graças à dona Carmem e ao senador-presidente Nelson Carneiro, o plenário que funcionou no Rio de 1926 a 1960 está aí, com peças em madeira-de-lei, artesanalmente confeccionadas por presidiários e pela Casa Leandro Martins, sinônimo de móveis de classe, desde o Brasil Império. As bancadas, a mesa diretora, enfim, todo o plenário, em peças neo-clássicas, os lustres de cristal, o tapete persa e até o relógio que muitas vezes parou ou foi parado à espera de senadores atrasados para votações difíceis, lá estão. Entro pela aléa principal, e estou vendo Benedito Valadares, chegando e cumprimentando com a sua voz fahnosa (o governador Hélio Garcia disse-me, há tempos, que Minas tem a obrigação de resgatar a memória de Valadares que, para os não iniciados em política e sociologia, ficou na história apenas pelo anedotário sarcástico e debochado da debochada e adesista UDN). Certa feita, quando Valadares saía para almoçar com Vitorino Freire, nos idos de 50, disse-me: “Tenho ódio quando desço estas escadarias de mármore e alguém, com o indicador em riste, afirma: “Aquele ali é o Benedito”. Tenho até vontade de quebrar-lhe o dedo”. Andou mais um pouco e completou: “Mas quando chego até ao “Paisano” para comer meu “tallarim à bolonhesa” e ninguém diz nada, me dá uma melancolia! “A memória tenta fixar nomes, e fico meio perdido: Auro Moura Andrade, João Goulart, Mello Viana, Felinto Muller, Ruy Barbosa, Quintino Bocaiúva, Prudente de Moraes, Pi-

neiro Machado, Bueno Brandão, (corajoso e altivo anunciando “é preferível cair em Minas a cair com Minas”. Café Filho, (seu “Lembraí-vos de 37” é atual nos dias de hoje...), todos numes tutelares (alô revisão, é numes mesmo, gênios, dêiades, divindades) da política que engrandecem o País e enaltecem o Senado). Paro de sonhar e vejo, diante do nascimento do mais novo museu de Brasília, onde a bela e competente Diretora de Documentação, Fátima de Freitas com toda a sua equipe, cumprindo as ordens da Mesa Diretora e tendo a colaboração valiosíssima de dona Carmem Carneiro, alinhou pertences e documentos que contam e lembram uma fase esplendorosa de vida do Brasil. Mesmo enquanto não é instalado definitivamente, vale a visita. Documentos preciosos, como a Carta de Dom Pedro designando José Bonifácio tutor dos filhos e até a triste carta-renúncia de Jânio, estão em estantes de vidros bisotados. Tudo é uma aula viva de História e ensinamentos políticos e que nesta cidade política, torna-se atração, fonte de estudo e pesquisas. E porque não dizer encantamento, pela pinacoteca que reíne entre outras, telas de Décio Vilares, Rebolo, Di, Djanira, Scliar e até do candango Guido Gondim, ex-senador, poeta e príncipe da pintura, sem contar as esculturas em bronze e a estu-penda coleção de fotos mostrando o requinte e a elegância dos senadores de então, em ternos de linho branco, enfrentando o calor carioca. Mais um centro de cultura à disposição da História e do turismo. Com aplausos, a cidade recebe o Museu do Senado. Repositório de Ciência Política, saudades e respeito à História...